

Retrato

.....

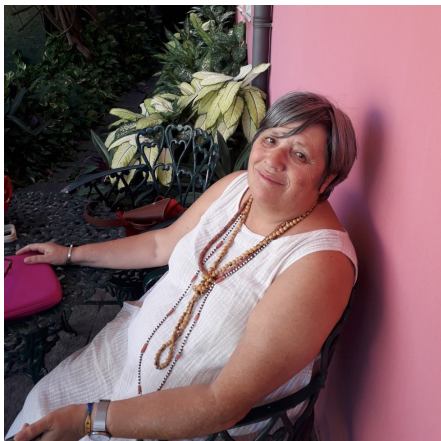
*

DOI: <https://doi.org/10.34619/djmn-pnga>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6488-2933>

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Estudos Comparatistas, 1600-214 Lisboa,
Portugal.

sara.barbosa@edu.ulisboa.pt



Ana Luísa Amaral em 2018.
Fotografia de Marinela Freitas.

Ana Luísa Amaral (1956-2022)

Para que servem as palavras?

SARA M. BARBOSA*

Num dos seus últimos depoimentos, Ana Luísa dizia que “a própria capacidade de ler e de escrever já pode ser vista como um desafio. [...] Portanto, como é que funciona, no meu caso, a poesia enquanto denúncia de um sistema opressivo que tem vindo a ser imposto a nós mulheres, mas não só às mulheres, mas às minorias, ao longo de várias décadas? Pela própria escrita” (Amaral, 2022, p. 171).

A viagem que deu ao mundo a poeta, dramaturga, professora, estudiosa, investigadora, tradutora, autora de livros para crianças, jovens e adultos e também ativista pela justiça social e pelos direitos humanos começou a 5 de abril de 1956, na mais conhecida maternidade lisboeta, a Maternidade Alfredo da Costa.

A bebé seguiu para a vila de Sintra, onde o ar da serra e o verde romântico da paisagem lhe terão amparado os primeiros passos, as primeiras palavras, as primeiras letras, as primeiras escritas. Foi filha única e, aos nove anos, rumou ao Norte, pois a família mudou-se para Leça da Palmeira, no município de Matosinhos, distrito do Porto. A adaptação ao novo ambiente não terá sido fácil: Ana Luísa dizia muitas vezes que precisara de muitos anos para entender o disparate das rivalidades Norte-Sul; porém, nessa localidade acabaria por fixar residência para toda a vida, se excetuarmos as saídas pontuais, os curtos períodos em Inglaterra e pouco mais de um ano nos Estados Unidos da América.

Depois dos estudos básicos e secundários num colégio de freiras espanholas, Ana Luísa Amaral entrou na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde se licenciou em Germânicas e começou a lecionar. Ainda não era autora publicada, embora escrevesse desde cedo. Precisou de ser convencida de que estava na altura de comunicar, de partilhar com a comunidade humana a sua palavra poética. O seu primeiro livro, *Minha Senhora de Quê*, de 1990, revela já uma escrita original e amadurecida. Dava, assim, razão à sua orientadora de mestrado, Maria Irene Ramalho, e primeira leitora dos poemas, que a instou a publicar e lhe deu também a conhecer alguns textos feministas e a obra da poeta norte-americana Emily Dickinson. Ana Luísa entregou-se ao trabalho e, em 1996, obteve o doutoramento com distinção e louvor, defendendo uma tese sobre Emily Dickinson, autora que iria traduzir e estudar ao longo dos anos. Mais tarde, especializou-se em Poéticas Comparadas, Estudos Feministas e Estudos *Queer*.

Os livros de poesia sucederam-se: *Coisas de Partir*, 1993; *Epopeias*, 1994; *E muitos os caminhos*, 1995; *Às vezes o Paraíso*, 1998; *Imagens*, 2000; *Imagias*, 2002; *A Arte de Ser Tigre*, 2003. Em 2005, surgiu a primeira *Poesia Reunida* e, no mesmo ano, *A Génese do Amor*, obra a que, em 2007, foi atribuído o Prémio Literário Casino da Póvoa/Correntes d'Escritas e que recebeu, em Itália, o Prémio de Poesia Giuseppe Acerbi. Também em 2005 foi publicado o imprescindível *Dicionário da Crítica Feminista*, do qual

Ana Luísa Amaral foi uma das organizadoras. Numa área de estudos que dava então os primeiros passos em Portugal, esta investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa viria a tornar-se uma referência internacional.

Em 2008, o novo livro de poemas, *Entre dois Rios e Outras Noites*, recebeu o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores. No ano seguinte, foi dado à estampa *Se Fosse um Intervalo* e, em 2011, *Vozes*, obra vencedora do Prémio de Poesia António Gedeão. Nesse ano, Ana Luísa Amaral publicou também a peça de teatro *Próspero Morreu*, única obra classificada com o género dramático, ainda que, não poucas vezes, a dramaticidade espreitasse por entre as linhas da sua escrita. Foi o que aconteceu, por exemplo, em *Ara*, única obra de ficção de Ana Luísa Amaral que recebeu o subtítulo de “romance”, publicada em 2013. Desta obra disse a ensaísta Catherine Dumas que “inaugura uma nova modalidade textual híbrida” e “encena, no encalce de Virginia Woolf, a oficina da ficção no intuito de encontrar ‘um padrão novo’, ‘inventar uma nova litania’”^[1]. Este livro viria a ser galardoado com o Prémio Narrativa Pen Club de 2014.

A edição anotada das *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa – “as três Marias” que, em 1971, viram o seu livro apreendido e foram levadas a tribunal –, publicada em 2010, foi fruto do profundo e aturado trabalho de uma equipa de investigação do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto coordenada por Ana Luísa Amaral, que organizou a obra e foi também a autora de uma “Breve Introdução”.

Escuro, *E Todavia* e *What's in a name?* são os títulos dos livros de poesia publicados respetivamente em 2014, 2015 e 2017. O último valeu à autora o prémio “Livro do Ano”, atribuído em 2020 pelos livreiros de Madrid à edição espanhola da obra. No mesmo ano e também em Espanha, Ana Luísa Amaral recebeu o prémio Leteo.

Em 2018, o livro *Arder a palavra e outros incêndios* foi um dos vencedores do Prémio de Ensaio Jacinto do Prado Coelho, da Associação Portuguesa dos Críticos Literários, recebendo também, nesse ano, o Premio Internazionale Fondazione Roma: Ritratti di Poesia. Trata-se de uma obra

1. Citado da contracapa de Amaral, 2013.

que reúne ensaios acerca de diversas obras e autores portugueses e estrangeiros, bem como reflexões sobre Feminismo e Teoria *Queer*, terminando com uma curiosa “Peça em Três Actos”, que coloca em cena personagens como Almada Negreiros, Teixeira de Pascoaes, Emily Dickinson e Irene Lisboa, entre outras.

Ágora, publicado em 2019, seria distinguido em 2021 com o Prémio Literário Francisco de Sá de Miranda. “De acordo com o júri do concurso, presidido pelo professor da Universidade do Minho, Sérgio Guimarães de Sousa, este livro de Ana Luísa Amaral ‘destacou-se’ dos demais candidatos ‘pelo facto de, em intenso diálogo artístico com obras maiores da pintura, reescrever de modo intimista e fulgurante emblemáticos episódios bíblicos” (FLUP, s.d., para. 2).

No ano anterior, 2020, a autora tinha recebido, pela relevância do conjunto da sua obra, o Prémio Literário Guerra Junqueiro e, já em 2021, o muito prestigiado Prémio Rainha Sofia de Poesia Ibero-Americana, concedido pelo Património Nacional Espanhol e pela Universidade de Salamanca. O silêncio com que um acontecimento desta magnitude foi recebido pelos meios de comunicação social e pelos governantes é incompreensível (ou fruto das profundas desigualdades geográficas que existem, malgrado ser Portugal um tão pequeno país). A ex-ministra da Cultura e professora universitária Isabel Pires de Lima reagiu a esta injustiça num artigo de opinião, no jornal *Público*:

A poesia de Ana Luísa Amaral não acompanha modas e, sendo uma poesia de elevada erudição, tem a capacidade de integrar o pequeno nada do quotidiano e a maior denúncia da crueldade social. E faz isso incorporando a mais alta tradição poética ocidental e cristã, que transfigura e subverte, com a maior comunicabilidade poética que a aproxima de amplos públicos. Talvez seja esta eficácia poética única aliada à lente feminista com que olha o mundo e à prática de uma ética cidadã incómoda que explicam este manto de silêncio lançado sobre Ana Luísa Amaral. (Pires de Lima, 2021, para. 9)

Quanto à poeta, as suas declarações revelam satisfação, mas também a simplicidade honesta e discreta que a caracterizava: “Senti-me muitíssimo honrada. [...] Este ‘tic-tic-tic’ que está a ouvir por trás na entrevista é da minha Emily Dickinson, a minha cadela. Eu estava a passeá-la no meu

jardim quando me telefonaram de Madrid com o anúncio do prémio. Foi uma surpresa muito grande e uma enorme honra” (Costa, 2021, para. 5).

Ainda em 2021, era dado à estampa *Mundo*, o último conjunto de poemas publicados em vida da autora. Neste livro, afirmou Ana Luísa Amaral, “cabe tudo [...]. É uma tentativa, nunca resolvida – porque, se não, deixaria de escrever –, das minhas interrogações” (Agência Lusa, 2022, para. 22). De facto, nesse livro cabem todas as moléculas da vida, incluindo aquela que se transforma e se renova sempre, como no poema em que a voz pertence à mesa:

Que a mão que agora aqui e sobre mim
se estende
se lembre desta inteira condição comum:
de reino igual viemos, para igual reino
vamos, ela e eu

os átomos que me formam e fizeram
podem ter sido os seus
(Amaral, 2021, p. 30)

A noite de 5 de agosto de 2022, corolário de uma já longa doença, marcou o fim da presença física de Ana Luísa Amaral nesta Terra. A falta que faz a amigos e leitores só é comparável ao muito que nos deixou.

Se o seu retrato pode ser feito a partir de tudo o que realizou, escreveu e ensinou, talvez possa, ainda melhor, ser representado por quem foi a Ana Luísa Amaral. Os seus amigos dizem que era uma pessoa boa, na mais completa aceção das palavras.

Ana Luísa Amaral enfrentava o mundo com as armas do amor transfigurado em palavras, partilhado em poesia. Assim, “[v]ergonha é o jornal que leio de manhã e ao domingo: as notícias de choque, a polícia de choque, disciplinas do corpo. Vergonha é não amar. O resto é estar aqui, o futuro presente, pronto para suster ódios e lutas” (Amaral, 2013, p. 79). E é para isto que servem as palavras.

REFERÊNCIAS

- Agência Lusa. (2022, 6 de agosto). *Perfil: Ana Luísa Amaral, “uma imensa paixão” pela poesia, pela palavra, pela língua*. CNN Portugal. <https://cnnportugal.iol.pt/ana-luisa-amaral/morte/perfil-ana-luisa-amaral-uma-imensa-paixao-pela-poesia-pela-palavra-pela-lingua/20220806/62ee841e0cf2ea4foa56fd27>
- Amaral, A. L. (2013). *Ara [Altar]*. Sextante Editora.
- Amaral, A. L. (2021). *Mundo [World]*. Assírio & Alvim.
- Amaral, A. L. (2022). O corpo é poroso ao mundo. In A. G. Macedo, M. Oliveira, M. E. Pereira, J. Passos & L. Natalino (Coords.), *Mulheres, Artes e Ditadura. Diálogos interartísticos e narrativas da memória* [Woman, Arts and Dictatorship. Interartistic Dialogues and Memory Narratives] (pp. 171-176). Húmus.
- Costa, M. J. (2021, 11 de junho). *Ana Luísa Amaral: “É uma grande falha nossa descurarmos a Bíblia no ensino”*. Renascença. <https://rr.pt/noticia/vida/2021/06/11/ana-luisa-amaral-e-uma-grande-falha-nossa-descurarmos-a-biblia-no-ensino/242171/>
- FLUP. (s.d.). *Ana Luísa Amaral vence Prémio Literário Francisco de Sá de Miranda*. https://sigarra.up.pt/flup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=123143
- Pires de Lima, I. (2021, 5 de junho). *Ana Luísa Amaral: e se falássemos de silenciamento?* Público. <https://www.publico.pt/2021/06/05/culturaipilon/opiniaio/ana-luisa-amaral-falassemos-silenciamento-1965298>

Data de submissão/Submission date: 25/11/2025

Data de aprovação/Approval date: 04/12/2025

Esta revista tem uma licença Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0) / This journal is licensed under a Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0) license